

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir folha ou postais de assignaturas e anúncios
anual, 1.000 francos. David Corazzi, 42, rue
de Madrid, Lisboa, e no Belpô, no arr. José de
Moraes, 36, no da Quinta, Rio de Janeiro.
Preço de número 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 9

PARIS, 5 DE MAIO DE 1890

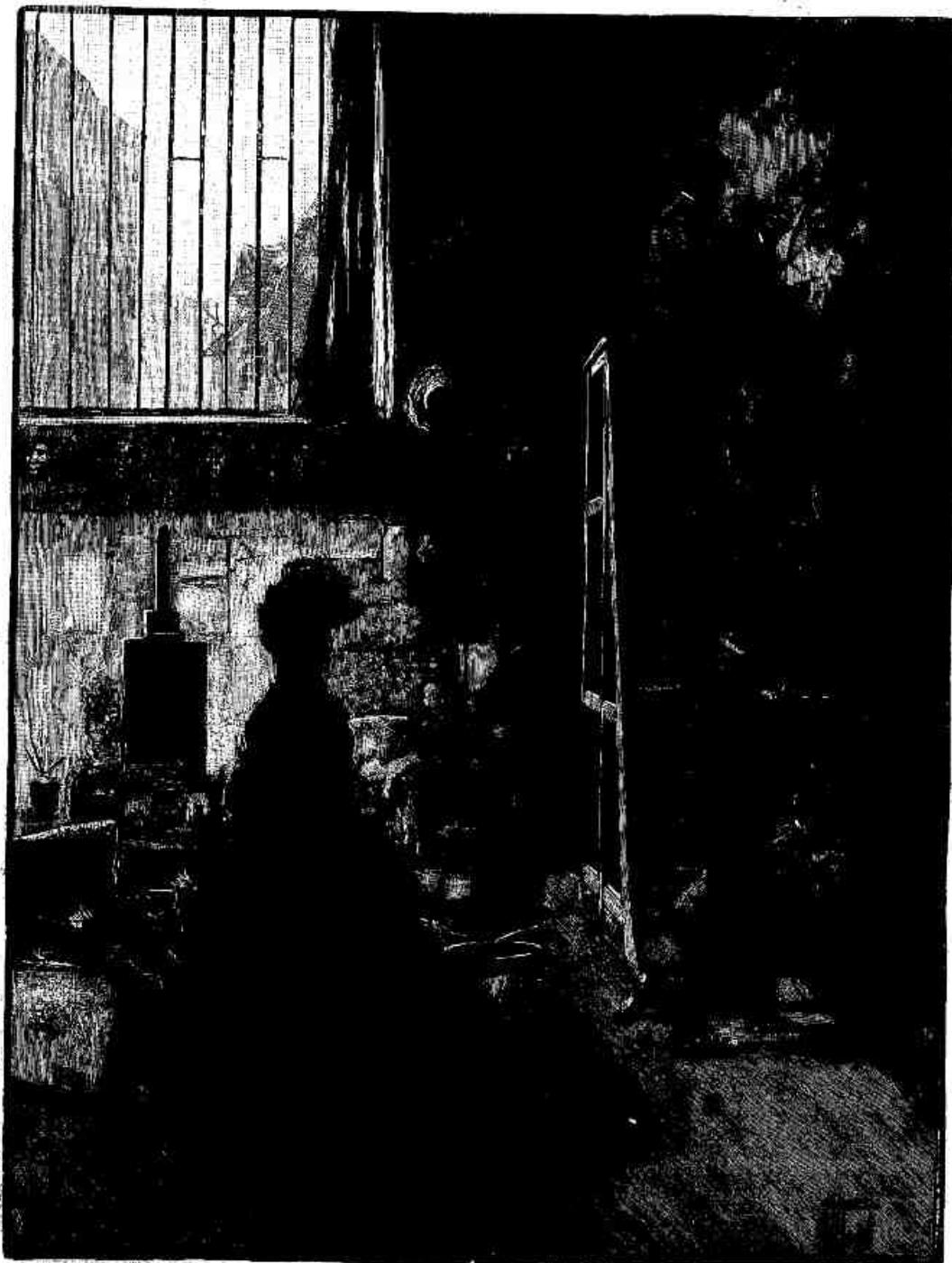
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORUGAL.

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.	1.000 francs
SEMESTRE.	1.200 —
TRIMESTRE.	600 —
MESES.	300 —



PARIS ARTISTICO. — NAS VESPERAS DO SALÔN.

(Desenho de Vogel).

MARIANO PINA cumpre o doloroso dever de participar aos seus leitores, que foi Deus servido chamá-lo para o doloroso caminho da política, no dia 3 de maio de 1890 — ponto à venda o 1.º número d'um pamphlet semanal, intitulado o **ESPECTRO**.

E pede a todos os seus estimados leitores se dignem-l-o, e roguem a Deus e a este Governo pela paz do seu corpo, para que o livre de das torturas consignadas na lei de 8 de abril de 1890.

Não fizes da misericórdia pelo estado de consternação em que se acha.

CHRONICA

OARISTOS

TAL é o título d'um volume de versos decadentes que acaba de me enviar de Coimbra um moço poeta, Eugenio de Castro.

Portugal conta os poetas *lyricos*, os *românticos*, os *parnasianos*, os *realistas*, os *satanicos*; só lhe faltava, como há em Paris, nas alturas de Montmartre, os *decadentes*. Agora já tem *decadentes*, graças ao sr. Eugenio de Castro, enquanto não chegar a vez a um outro inovador de vir separar este grupo em dois — *decadentes* ou conservadores, *symbolistas* ou radicais.

Deus do céu! que nem o sr. Eugenio de Castro é capaz de culcular que amargos de bocas se está preparando para a sua vultosa poesia!...

No mundo — na triste bota que habitamos — é verdade que tudo envelhece, que tudo se transforma... Não à Poesia, mas os meios de locumção: não à Arte, mas o chapéu alto.

Conhecem algum objecto que à primeira vista nos pareça mais difícil de reforma e modas, como este lúdico e negro canudo de pello de coelho, a estética chapéleira do seculo XIX descobriu como sendo o mais bello ornamento do sexo masculino?... Pois — quem tal diria! — não ha canudo que mais se transforme, ao qual moda imprima todos os das mais fôrmas diferentes...

Assim às vezes a Arte, assim às vezes a Poesia — quando a pretexto de inovação, os inovadores lhe querem dar um novo carácter, o quelles chamam «uma nova direcção». Que o sr. Eugenio de Castro vê tomando as suas precauções. D'aqui a 20 anos, se elle se apóe de mais ao *decadentismo*, o Diabo da moda faz-lhe pirraças, e o jovem revolucionário de ho virá a ser um conservador rabujento, no gênero do sr. Luiz Palmério e do sr. Bulhão Pato.

Acautele-se, sr. Eugenio, acautele-se! O *decadentismo* ha de-lhe trazer desgostos. A moda ha de passar, e só ficará o que se chama simplesmente, châmento, a Poesia — que é a música por meio da qual o poeta nos encanta e nos deslumbra com as impressões do seu sentir e do seu sonhar.

Não lhe offereço esta chôchâ definição como coisa de valia. E' o que vem a correr aos bicos da pena, sem maiores rodeios de esthetic e de palavrão crítico.

Em primeiro lugar este livro de versos manda-nos ir ao dicionário, logo por causa do título. *Oaristos*? — que diabo é, eu não, *oaristos*?... E o meu dicionário, que eu considerava como fonte inexgotável do mais imprevisto palavrão, nada me diz sobre *oaristos*. De *oanassas*, também chamado *coqueiro-ohnacu-curuá*, salta logo o meu tira-teias para *oasiano*. E quanto a *oaristos* — moita!

No fim do prologo cita-nos o sr. Eugenio de Castro um pensamento confuso, enovado e complicado, do assaz confuso Verlaine, e onde vem a palavra *oaristos*.

Bem! e temos um indício! Vamos ao francês...

E corro ao meu pequeno Larousse, e por mais que folheie, e por mais que procure no dicionário da língua, e no dicionário histórico, geográfico, artístico, literário, bibliographico e mythológico — nada de *oaristos*! Nem antes de *oasis*, nem antes de *oaxaca*.

Decidamente, os *decadentes* querem mangar com a humanidade!

Nu *Oaristos* o que eu mais temo para o seu autor é o prologo.

Ah! os prologos dos inovadores e dos revolucionários! Que desgostos que elles estão arrestando com tais gritos de guerra! Para quê, por causa d'umas rimas que não fazem mal a ninguém, e d'uns pobres lugares communs que nem mesmo atordoam a gramática, haver de vos armar de ponto em branco, Dous Quixotes da Poesia, e avançar para inofensivos rebanhos de carneiros — ou, o que é mais perigoso, arremeter com os moinhos onde haverá, mais cedo ou mais tarde, de quebrar vosso preciosos costados?!

O nosso poeta não quer o « alexandrino com cessura immutável na sexta syllaba ». O nosso poeta (com P grande, se faz favor) quer os alexandrinos com a *cessura deslocada* e até alexandrinos *sem cessura*.

E que temos nós com isto?... Que tem a critica com o pintor que prefere a espátula ao pincel, como fazia Courbet com as suas payssagens; o pincel à espátula, como faz a maioria?... Que tem a critica com que o escultor prefira a cera ao barro, ou o bronze ao marmore? Que tem o gastronomo com que a cozinheira bata os ovos só fôra para fazer uns ovos mexidos, ou bata os ovos dentro da frigideira?...

O essencial é que a obra d'Arte represente um temperamento, uma originalidade, dando-nos alguma coisa nova, imprevista, sedutora. O essencial é que os ovos satisfaçam golosamente ao nosso paladar!

Perdão-me o poeta que eu desça em Banguagem tão rasteira e tão pouco *decadente*, a observações tão prosaicas. Mas gosto que todos quantos me leem me entendam, e possam ajudar sem esforço do que sinto e procuro exprimir. É por isso que nunca praticaria o crime de oferecer aos leitores da ILLUSTRAÇÃO uma chronica intitulada: *Oaristos* — se não fosse a muita sympathia que tenho por Eugenio de Castro.

Um erro do seu prologo, meu caro poeta. Eugenio de Castro querendo citar uma phrase de Musset, que anda sempre errada na memoria de muita gente portuguesa, escreve: *Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre*.

Ora melhor fôru que o sr. Eugenio de Castro meditasse mais Musset do que Verlaine, e o lêsse com mais um bocadinho de atenção, para não errar quando o cita. A famosa phrase é assim no original: — *Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre*.

Passemos agora aos versos do nosso estimável *decadente*.

Abre o livro com os amores do poeta, com a Ella que o traz pelo beijo, desde o dia em que f. vio

... surgir *triumphalmente fria*
Grecil como uma flor, triste como um gemido,

O que fez tal impressão ao poeta, em cujo peito poresses tempos *reinava a fria indiferen-*

ça, tempos em que lhe tinha *descarrilado o wagon dos seus sonhos*, em que elle de *ninguem tinha dô e de ninguem tinha inveja*, em que os seus dias eram *mais, longuissimos, tristonhos* — que ao *vôo a triumphalmente fria*, assim exclama:

Meu peito recobrou o seu vigor perdido
Tudo eu era contente e alegre como um rei.

É o que os namorados portugueses costumam exprimir d'este modo, menos *decadente*, mas não menos exacto: — *Ver-te amar-te foi obra d'um momento!*

E porque é que o peito do sr. Eugenio de Castro recobrou o seu vigor perdido, e porque é que o *wagon dos seus sonhos* tornou a encarrilar?...

Porque:

... a grande Flor passava, imperturbavelmente
Com seu rosto suavante, e o seu olhar alberno,
Hierática lembrando as místicas imagens

Porque era uma:

Creature esfinginal, triste como Artemisa,
Vingativa, feroc e linda como Plássis,
Flor cujo corpo é o aprílico oasis

Porque:

Flexivel como um junco e esvelto como um fuso
Seu mobil corpo tem, n'um dualismo confuso,
A natureza do lirio e o garbo das serpentes

Porque a sua imagem é:

Leve tão leve como os perfumes e o sono

Porque o:

Franzino e original seu corpo é um moringue

Porque a:

Sua desfilarida e ligeiramente voz

E um fio de vultado, um suavissimo ovo

Porque o:

Seu halito é um philtro intenso que embalsama,
Sublido como o ananás, forte como um veneno

Porque o:

Seu pescoço sem par é um cortiço moreno
Que os meus desejos vão circundando em colarula

Porque:

Tem musica no andar quando à tarde passa
No seu alto bicho ladeirudo em losango.

Porque:

A sua boca é um sorvete de morango

Porque o:

Seu gesto excede em graça as lurras dos pássaros
Que em curvas vôos vão voados à flor dos pantanos.
Tem as unhas de opala.

O seu riso quebrantano,

Vibrante de coral.

Seus cílios são de seda.

Seu capioso olhar é um vinho que embacea.

Seus negros olhos são duas auroras negras!

E finalmente — oh irresistivel encanto da Bem-amada! — porque Ella:

Corta as unhas em bico à guisa de punhais
Para as roçar depois em sedas e metas.

E o poeta exclama, explue, arrebeta, apoplectico de paixão e de entusiasmo:

— Chega-me a morder pedaços de vultado!

Já é...

Como estamos longe e bem longe, como estamos separados não trei, mas trinta séculos, dos bons tempos em que o simples vestido branco de Joanna, de Joanna que

Permosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava

em que o simples facto de Joanna solhar os seus cabellos

Que eram tão longas com ella
e mais de descalçar as capatas; e de erguer as abas; e de ordenar entrar pol'água, era o bastante para Joanna logo entrar.

E a Jano pelo coração!

Bons tempos de Bernardim Ribeiro! Como estas explosões d'amor, provocadas por um simples erguer de abas e descalçar de capatas, são já difíceis de compreender de nossos dias decadentes!

Como estamos longe d'esses outros tempos em que os poetas não eram menos apaixonados por se exprimirem assim:

Ondulos fios de ouro, onde enluvado
Continuamente tenho o pensamento,
Que quanto mais vos solta o fresco vento
Mais preso fico ento de meu cuidado!

(Casas)

Tudo progredio e tudo se quinta-essenciou
n'este raio de seculo de brie-d-brac, decadentismo e pastilhas Géraudel.

Quem fosse lamentar-se a um poeta dos nossos dias, lhe disseste como Jano:

Meus cuidados não entendo
Morro-me assim de cuidados!

E o poeta lhe perguntasse:

— « E porquê meu amigo?... »

E Jano lhe respondesse:

— « Porque vi Joanna na ribeira do Tejo
guardando patas e colhendo flores »
podia estar certo de que o poeta decadente o havia de correr a pau!

As mulheres de agora, para acenderem paixões, precisam de se recommendar por dores terríveis e imprevistas, de corpo e de espírito... Como eram mais felizes as mulheres do tempo de Catherina, quesó porque era dina e porque Persio viu os seus olhos, o gado de Persio pôster começo a emmagrecer, por Persio nunca mais curar d'elle...

Pobres mulheres inspiradoras de poetas decadentes! Como eu vos lamenta! Lembras-me criaturas saídas do inferno chinês — com o vosso garbo de serpentes, o vosso corpo de moringue, o vosso halito forte como vosso veneno, o vosso andar que mais parece uma caixa de musica, o vosso gesto de larvas depravadas, a vosso boca de belladona e de coral, e as vossos caprichos-hystericos que vos dão para morder pacas de velludo!

Oh! oshorriveis monstrinhos! Como eu vos detesto, abortos! E como eu vos admiro, poetas que sois capazes de sonhar e de amar, iguas phenomenos de hospital!...

Socorro! Bernardim Ribeiro! Socorro! Luiz de Camões!

Os teus descendentes estão doidos!...

• • •

Perdõe-me Eugenio de Castro este grito de horror, e esta invocação do passado... Mas a sua poesia, meu caro Eugenio, afflige-me e torturame, pelo torcido, arrebitado, repenido, espremido, comprimido, esticado, espetado, torturado, enferrado, guilhotinado, de todos aqueles versos!

Não. E' impossivel que a Poesia, a verdadeira poesia, ou seja com P grande ou P pequeno, seja esta engasgada chinchez que o meu amigo nos quer fazer admirar a força. Se é — não tenho vergonha em confessar a minha ignorância e o meu mau gosto de prosador, dizendo-lhe que a odeio.

Aquelle grande poeta que só ler as poesias que o meu amigo diz que invulso, quando accordou para o decadentismo, e que de si escreveu:

* Tem phantasia, coração sensivel
E, apesar de baixalho, ergue-se no nível
De nosa d'un escrutor, que em verso e em rima
Ahi cultiva a língua com prazer —

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

por

MARIANO PINA

A lei de 8 de abril de 1890, que hoje em Portugal fiscaliza e castiga os chamados delictos d'imprensa, não permite ao nosso Director — sem graves riscos de processo para a nossa revista, e mesmo de interdição em Portugal — que elle critique os gravíssimos acontecimentos que se tem dada e que desgraçadamente se continuaram a dar na política portuguesa.

Para que a influência artística e litteraria que a ILLUSTRAÇÃO tem exercido em Portugal não siffrá com alguma critica justa e severa do nosso Director a algum sr. Ministro da coroa — Mariano Pina resolveu não tratar na ILLUSTRAÇÃO assumptos de política militante. E para ter mais larga independencia de critica e de palavra, para poder combater corajosamente por todos os principios de Liberdade e de Justiça que sempre tem sido a sua divisa — acaba de emprehender a publicação d'um pamphlet semanal, intitulado o Espectro.

Este título que nas mãos de Antonio Rodrigues Sampaio, o velho e glorioso liberal, foi o signal para a lucta da Liberdade contra o Oppressão — é mesmo que Mariano Pina hoje retoma para a campanha politica que vai emprehender.

Os leitores da ILLUSTRAÇÃO conhecem de sobejo a crueza de critica do nosso Director, para facilmente calcularem quanto será picante a leitura semanal do Espectro.

O Espectro é posto à venda todos os sábados, O 1.º numero saiu no dia 3 de maio corrente. É um folheto de 16 páginas, formato de tirro, onde serão archiradas todas as semanas as cabriolas e palhaçadas da nossa triste politica. Cada numero custa 50 reis.

O Espectro é editado pela Livraria Civilisação, 4, rua de Santo Ildefonso, Porto. Para esta casa devem ser dirigidos todos os pedidos de assignaturas, ou para a sua Filial em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65.

O preço da assignatura do Espectro é o seguinte: — Anno, 2:400 reis. — Semestre, 1:200 reis. — Trimestre, 600 reis. — Meia, 200 reis.

Os leitores da ILLUSTRAÇÃO que ha sete annos seguem com tanto interesse os estudos criticos e litterarios de Mariano Pina, não deixarão de assignar para o Espectro, onde verão castigados os grandes ridiculos e os ridiculos tyranos da politica portuguesa.

O Espectro promette ser fallaz. E como as edições são limitadas, o melhor é os nossos assignantes tomarem assignaturas de meia ou trimestre, para assim terem a certeza de que não deixarão de ler um só numero.

aquele grande poeta que assignou a *Flóres do Campo* e as *Folhas soltas*:

— Encolhe os azas, que te abraza, Iove!
O fogo mata a quem o gera, atende;
Foge e, se a vida te aborrece, entende
Um braço aos anjos, que a distância é pouca! —
(João de Deus)

aquele grande poeta que é hoje, em fins do seculo XIX, o glorioso herdeiro da mesma musa que inspirou Bernardim Ribeiro e Camões — é impossivel que aplauda o caminho, o gênero, o *feitio*, que deseja seguir no *Oaristos*

Seja natural, pelo amor de Deus, seja natural! A sua Musa subio para o Parnaso contrafeita, calçada à chincha, com o espartilho muito apertado... Ponha a sua Musa à vontade, Eugenio de Castro!

Mande Verlaine, com todas as suas phantasias macabras, de presente ao diabo. Deixe-o em paz com os nevoeiros, e as torturas, e as hallucinações do inferno parisiense.

E o meu amigo, que é do paiz do sol e do azul, e que dala as suas poesias dos « saudosos campos do Mondego », de no pé d'aquelle « fresca fonte » que

regua as flores,
Que lagrimas são e rugas, e o nome amores,

deixe em paz decadentes e symbolistas, e peça a Camões e a Juão de Deus a simplicidade, a harmonia, o encanto, a ingenuidade, que fazem dos seus versos — versos imortais!

Não será um crime de lesa-poesia preferir mestre Verlaine a estes dois mestres?..

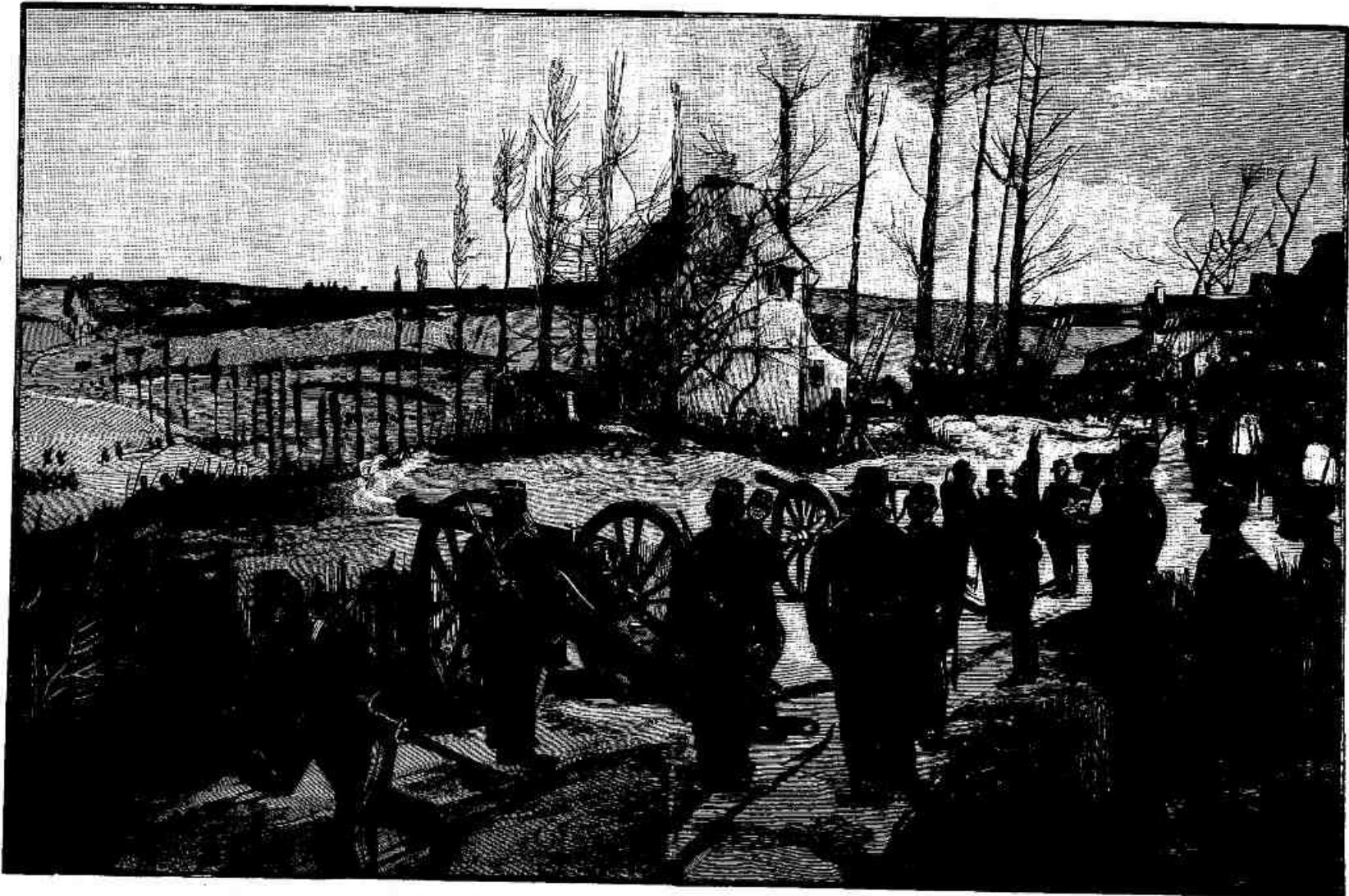
• • •

Aquelle que se chamava Sainte-Beuve, cujos volumes são hoje preciosos armazens d'ideias, onde se fornecem os mais modernos criticos litterarios, como Bourget e Jules Lemaitre — aquelle que se chamava Sainte-Beuve, traçando o pernil do curioso poeta Hégesippe Moreau, disse o seguinte dos poetás:

— São uma raça à parte, uma raça das mais interessantes quando é sincera, quando a ella não andam ligadas (como sucede tantas vezes) a imitação e a macaquine.

A observação é digna de ser meditada, porque é a observação d'um vidente litterario. No seu tempo apenas se descubria a macaquine (que mais tarde se tornou furiosa) do gênero *baudelaíriano*. Que diria Sainte-Beuve se tivesse vivido mais 30 annos, para assistir agora aos despoços do *decadentismo* — elle que tanto amava a Poesia?...

Que diria este amante da Poesia se lêsse os



EXERCITO FRANCEZ. — MANOBRAS EXECUTADAS COM A PÓVOA SEM FUMO. — UM TIRO DE PEÇA.



0 EXPLORATOR STANLEY.

poetas decadentes, elle que só considerava verdadeiro Poeta o artista que possuisse estas três qualidades: — « coração, imaginação e estilo?... Suicidava-se!...

Non me leve a mal, Eugenio de Castro, a brutal franqueza com que assim lhe fallo de Poesia, de Poetas e do seu *Oriolistas*.

Se assim o faço, é porque muito prezo as manifestações do seu talento, e porque o sei capaz de aitar para longo com processos, escolas, inovações — *singeries*, como lhes chama Sainte-Bouve — e de ser sincero, puramente sincero, capaz de ser um bello poeta pelo coração, pela imaginação e pelo estilo, sem precisar de Monsieur Verlaine para o alumiar pelo caminho.

Tenho d'issó a certeza. Quem escreveu este soneto:

Sauda o Oiro e Luto! A Primavera
Interminável! Vingas! Dias longos!
Incrível o Oiro! O nome nas quatro ventos!
Nóis mornos d'amor! — Tal a Chimera.

A Sombra! A finta d'Oiro que lacera;
E da matheira os fatais juramentos!
Correr mappas! Beijoço saudoso!
— O mae-Vida, o teu acto é de panthera!

Fomhomas sempre um sonho vaga e dubio!
Com o Azar vivemos um contubio,
E, apesar d'issó, a ALMA continua.

A sonhar a Ventura! — Sonho vago!
Tal um infante, com a roseu mão,
Quer agarrar a levantina LUZ!

Quem escreveu estas quadras:

Avel trigueira desdonthosa e triste,
Chela de grage e de frescor sem par,
Bamboi seja o berço em que dormiste
E os peitos que te deram de mamar!

Como uma cheninha curula entre brauas,
Como uma tulipa entre malmequeres,
Como uma torre entre pequenas casas,
Bendita sejas tu entre os multituas!

Corço viagera, tu que és a mea neguilla,
Tu que eu hei de vislhar um dia entre
Beijos tão claros como um sol de julho,
Bendita seja o fructo do teu ventre!

Dóce Refugio, d'ee inspiradora,
O meu trigueiro e místico cyclamen,
Ungesme com ton negro Ollar, agora
E ur hora da saudosa morte. Amém!

Quem escreve d'esses versos, quem escreve o *Oriolistas*, apesar de todas as extravagâncias e cabriolas intencionais, é incontestavelmente *alguem* — alguém que se não confunde com a onda de incaracterística dos « jovens esperançosos » que andam pela literatura vivendo das pontas de cigarro que os artistas dicitam para o lado... Eugenio de Castro tem direito a que todos que apaixonadamente se ocupam de letras, abram alas e lhe digam:

— « Bem vindo sejas, irmão! »

E é por isso que se não deve zangar que um desses apaixonados das letras, pela multa estima que tem pelo poeta, lhe diga ao vél-o com suas tendências para a pose:

— « Sô natural, sô sincero, sô espontâneo! Tudo mais, amigo, são farofas!... »

MARIANO PINA.

POETAS DECADENTES

As quadras que em seguida publicamos não o primeiro trabalho d'um moço poeta que — segundo nos afirmam — pessoa que nol-o apresenta — — se sente enojado da insípida sentimentalidade que vai levando na moderna po-

esia portuguesa, e que está resolvido a empregar todos os esforços, malabarismos, sacrifícios, no sentido de promover o um renascimento no Verso lusitano.

Como vêem, o *decadentism* está disposto a cravar raízes em Portugal. Não lhe faltam seguidores, e acentos realmente distintos, como Eugenio de Castro e o sr. Oliveira-Sousa. Vamos ver nacer e medrar no nosso país a ala dos *decedentes*. E como a lucia entre conservadores e inovações ha de dar que faltar, aqui deixamo-lhe as páginas de *Ilustração* — para as contadas.

« Vem por este meio prevenidos adeptos e adversários do *decadentism*, que lhes publicaremos todas as declarações e gritos de guerra, tanto em prosa como em Verso. Só lhe pedimos um favor — que se não sangrem! Não vale a pena atrair os com *nomes feios*, por causa do inimigo que afinal não lhes de viver... *l'espace d'un matin!* »

RENAASCENCA

Viventes vidas de passado, boiras chimeras d'airo, de rubis, de saphires e de esmeraldo, fanstasias florir das passadas primaveras, das flores que fomam, nunca fanada grinalda, vidas de vanadio, peitos virgens, pendendo pelo aguado antumal do incenso amor, soes mortos, d'onde o lento e abacato éendo do que fenece a flor da mais fervorosa dor, corações feridos em amores desatentos, vidas evanescentes, sem crença que o alinde, as luces da Ilusão chamam vossas desalentos, vindos asfrentemente fructuadas desesperanças, vindos... Mas ha um Deus Piedoso a animar-nos do altar, — oh! a consolação das Suis Filhas Precursoras — este mundo implo de necte e de dia, a esperar a divina divisão das Benções benfeitoras.

Lange flore a sempre-viva e o cyreste grave, crão de soes, de estrelas, de amor a enciada chuva. Um manto de linho, um diadema alvissimo e suave, corte o negro e funeral veiu grande da Viua.

Lisboa, abril de 1890.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA-SOUSA.



PARIS

Paris ao fim da tarde. Horas em Notre-Dame.

Formiga pelo caos um pintalgado ensame, Bizarro e original museu d'ethnographia, Ambulante, exhibindo, à luz escassa e fria, Uma variedade excepcional de tipos: Chinézes de cabala, obesos como pipos, Um ou outro escoseses de joelhos à vella, Sizados europeus de fita na lapela, Ingleses varonis d'um frescor de manteiga, Angulosos judeus, russas de fronte meiga, Maladros de Paris, Príncipes de Circassia.

Escorre pelo ar una tinta vinacea.

O ANGELUS. A tarde é humida e serena, Um doíralo vapor corta o dorso do Seine, Deixam de fumegar as visitas officinas; Vão fluindo brumosas e leves musselines... O sol é um ramo d'ouro, a arder, que se do'olha... E a lúa circular, semelhante a uma bolha Prestes a rebentur a flor d'uma nascente, A lúa circular, sedosa, evanescente, Surge vaga, dobras do nevoiro denso, — Hostia vista a travez d'uma nevoa d'incenso.

Depois de ter ondulado um kilometro ou mais Ao longo d'este infinito e rumoroso caos, Eis-me chegado emlui a casa. Silenciosa, Aguarda-me na alcova a grande desdonthosa, A minha glacial e trigueira luitiga.

Encontro-a inerte sobre uma poltrona antiga, Cuja espaldar exhibe um revólvo brasão: Sub e um campo d'azul ilur do lysado um leão Roampente, no alto o elmo aberto, e derredor Paquife com metas de variegada cor.

A minha Amada está triste com um crepúsculo... Seu corpo virginal, ethereal, minuscule, Repousa imovel, como os marmores das campas; Sans eguias mãos, duas finas estampas, Dormem longas, subtils, em seus magros joelhos; Suas unhas, em bico, esplendem como espolhos; Seu labio rubio tem uma expressão estranha; Sua roupa resconde a chyre e a pell'd'Hespanha; Afaga-lhe o pescoco uma pelica clara, E seu cabello, que é d'uma opulencia rara, Encobre, como um manto, os braços da poltrona. Vendo-me entrar, scintilla um fulgor dubio á tona Dos seus olhos que são duas noites de chuva, Olhos negros que são dois negros bagos d'uva.

Bojoo-lhe as mãos: tem febre. Então, devagarinho, Tentando dar á voz a macioza do arminho, Descreve-lhe o que fiz durante o dia inteiro; Depois, co'a submissão servil d'um prisioneiro, Peso-lhe que me diga uma palavra apenas, Se sou eu que A aboreço e se quer que me vil. Mas que falle, que não seja tão fria e mi... [conde, E Ella entreabriindo o olhar onde o desdem se esconde, Olha-me triamente, iliu-me e não responde... Começo ento a ler-lhe uns versos que lhe fiz, Com rimas d'um valor de sardus e rebels, Versos onde celebro, em rythmos preguiçosos, Do meu violento amor os impetos fogosos, E a frica polar do seu polas desdem. Ella ouve em silencio; e a pezar de ver hem A grande excitação que no meu peito lava, Inimovel, não me diz a maxima palavra...]

Por fim em suas mãos magras, onde esfusa De pesados aneis a alhente pedraria, Ponto de cravos um nupcial ramo virginio, Ella, porém, abrindo os seus labios de minio, Cheira os cravos com gula e não m'os agradece.

Desanimado ento, vendo que permanece Com a firme intenção de não me responder, De não me dar um riso ou um olhar sequer, Desanimado ento, veu-me sentar a um canto Da géquenina alcova escurcida, em quanto O dourado braço da preciosa cadorra Explode vivo e cerca a morena, trigueira Frente da minha doce Amada, como um nimbo.

Nevrotico, a scismar, accendo o meu cachimbo.

Sabido a sua voz unciosa se elevanta, Voz que chora doída, e no mesmo tempo canta, Voz que me diz assim:

« Incommoda-me o fuma... »

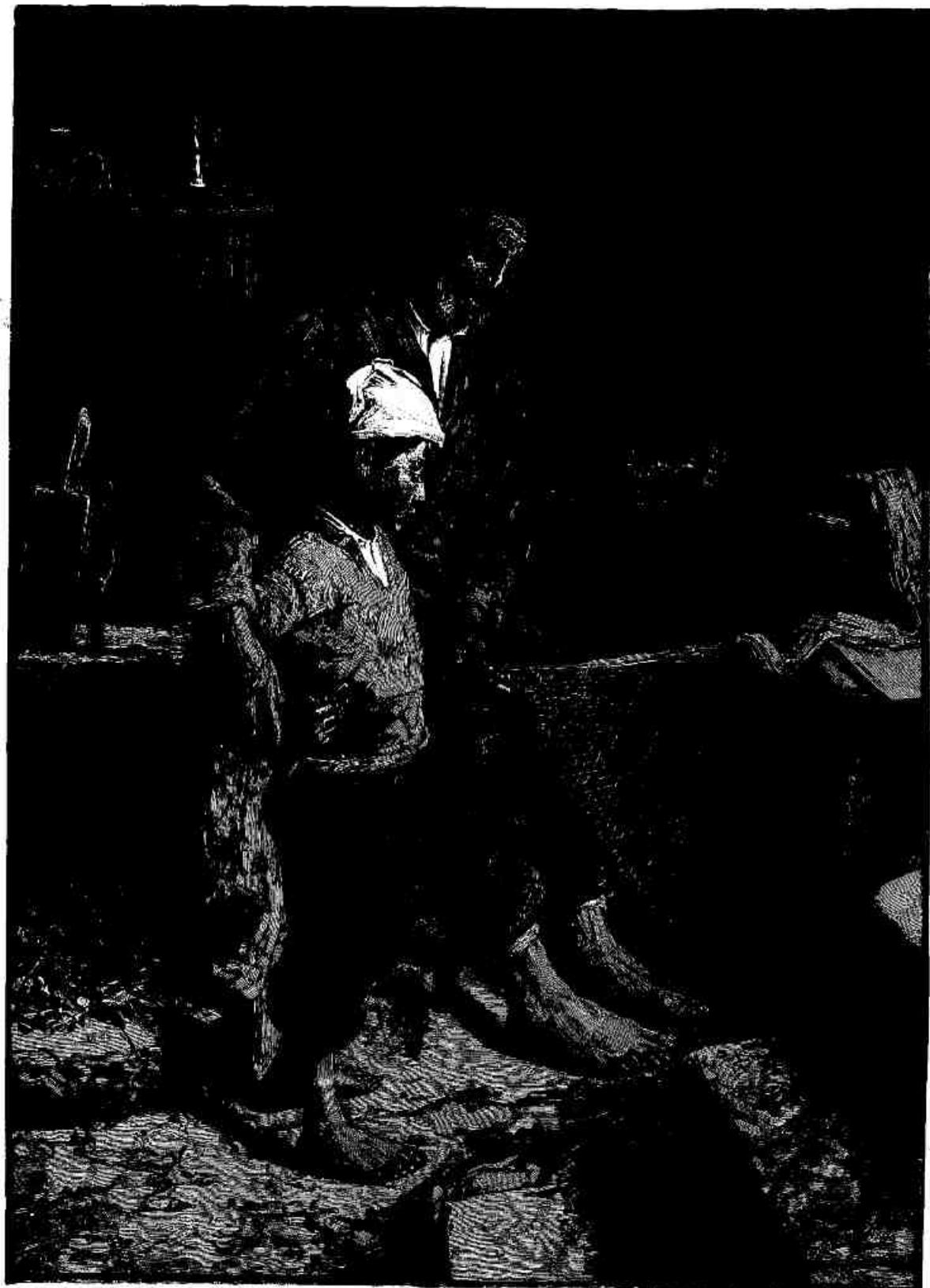
Noite. A Lua caminha absorta, no seu cumo, Branca, d'uma brancaura ascetica de monja... Ceu de veludo pardo. Assim como uma esponja Que espaga n'uma lousa um desenho infantil, Assim a treva vem desesissima, subtil, Diffundiendo, apagando os contornos das coussas, Creado espíritos maus e sombras misteriosas, Saindo, raiando a tudo uma apparençia nova.

Parece que chovou cinza na nossa alcova! Tudo é cintento, tudo: os moveis, o tapete, A poltrona da minha Amada, o seu corpete, Seus cabellos sem par, essa luctuosa messe, Que nos hambrões lhe cae como um negro diluvio, E seu busto cruel que de peril parece Um camaleão cortado em lava do Vesuvio.

Paris, 26 de agosto de 1890.

EUGENIO DE CASTRO.

TSARINE PO A 190Z RUSSO
Adherente, Succesivo, Invicto
PREPARADA POR VIOLET
29, Boulevard des Palais. PARIS



ARTE PORTUGUEZA. — A LIÇÃO DO AVÔ. — QUADRO DE SOZA PINTO.

(Gravura de Ch. Bandeirante.)

AS NOSSAS GRAVURAS

NAS VESPERAS DO « SALON. »
— Um dos ledos mais interessantes da vida parisiense é sem dúvida o seu movimento artístico, a vida excepcional dos ateliers e das escolas, quando se approxima o mês de maio, quando se vai abrir o Salão.

Os reportores percorrem os ateliers dos mestres da pintura e dos pintores da moda, para saberem quais as telas que vão expôr no público, e falar d'elles aos seus leitores.

A's portas dos mesmos ateliers batem a todos os instantes os parisienses da alta sociedade, as actrices e as demi-mondanases, para também verem os famosos quadros.

Depois vem a previsão dos amigos, dos críticos, dos artistas, e dos homens do mundo.

E é um nunca acabar de *oh!* e de *ah!* diante de centenas de metros quadrados de telas cobertas dos mais extraordinários e imprevistos assuntos.

Quando se approxima o ultimo dia para a entrega dos quadros, então o medo é fechar a quatro chaves contra os visitantes e contra os importunos.

E preciso dar os últimos retoques, dar a ultimo pinçadado, à obra que vai passar em breve à Posterioridade — ou ao assolho da Crítica. E só algum intimo assiste ao ultimo toque, ou quasi sempre algum íntimo, o delicioso e amado modelo que vem rever-se diante do quadro, diante da sua figura em Diana ou em Verdante, diante do poema pintado da sua Camic e da sua Belleza.

Take o assunto que inspirou as nossas colaboradoras Vogel e desenho da nossa primeira página. É o interior d'um atelier nas vespertas da entrega dos quadros. E por assim dizer o prologo do Salão.

Quanto ao Salão em si, aos Salões de Paris de 1860 (porque este anno ha dois Salões) a Ilustração consagrará-lhes-lhe as suas páginas. Mostraremos



O SR. CONSELHEIRO MARTINS D'ANTAS
Ministro no Pórtugal em Paris.

as obras mais notáveis da exposição dos Campos Elyseos, e da exposição do Campo de Marte, todas reproduzidas pelas primissimas gravadoras de Paris.

E estamos certos de que, por este meio, faremos mais em favor das Bellas-Artes em Portugal, do que todos os discursos do sr. Arrovo. O sr. Arrovo tentou difundir o gosto pelas bellas-artes — fazendo discursos ao paiz. A *Ilustração* procura difundir esse gosto — publicando as obras-primas da arte moderna.

Qual de nós tem razão?...

A POLVORA SEM FUMO. — O famoso acon-

tecimento militar d'estes últimos tempos é a descoberta da polvora sem fumo.

O ministro da guerra em Krueger mando executar no dia 1.^o de abril findo importantes manobras, com o fim de formar uma ideia exacta dos efeitos da polvora sem fumo aplicada à espingarda Lebel e à artilharia.

Estas manobras apresentavam uma singular importância, para se saber se não haveria motivo, em vista d'estas experiências, para mudar a tática actualmente em uso no exercito francês. O thema da accão era o seguinte: o inimigo deve tentar apoderar-se de ponto de Chennoyvilles, sobre a Marne, perto de Paris.

A nova polvora queimava por uma só espingarda Lebel produzindo um fumo absolutamente imperceptível, mas quando um troço de artilharia dava um foguete de salva, vio-se um leve vapor que se dissipou quasi instantaneamente.

O fumo dum troço de peça é visível, mas desaparece rapidamente. De resto, as peças atiraram tiros de polvora seca, mas muitos officiaes afirmam que o fumo é menos visível quando se dispara com balas.

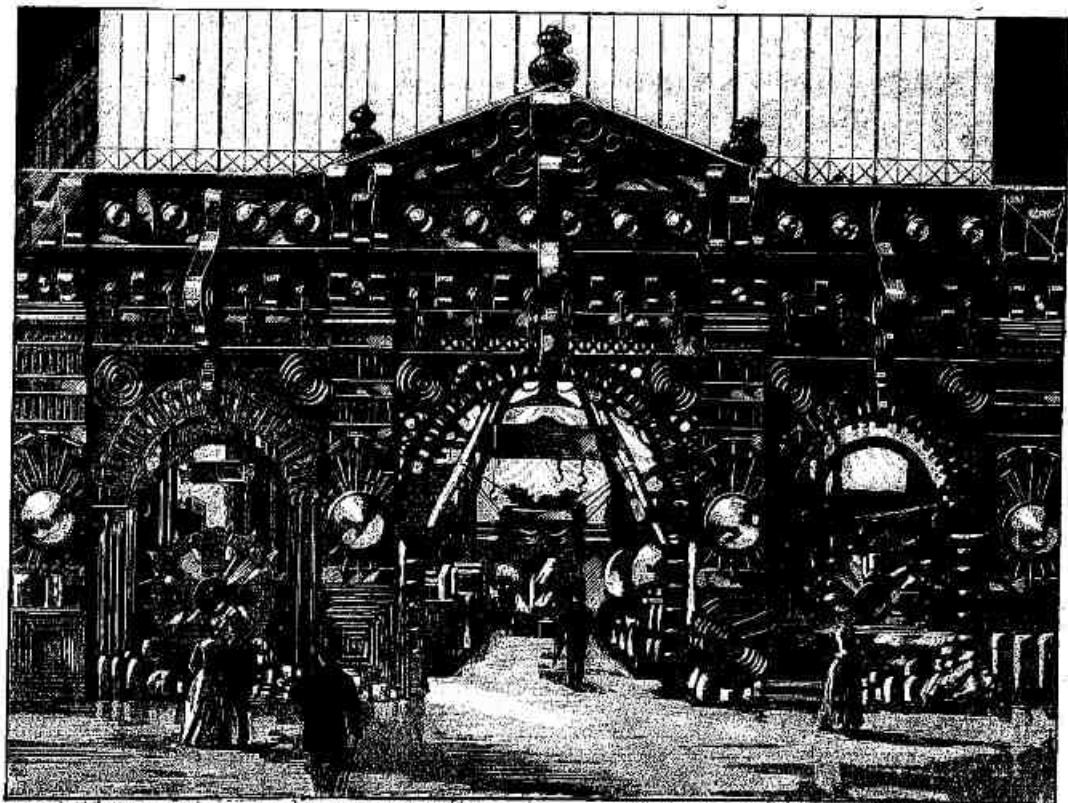
A cavalaria, como não fosse guilhada pelo fumo, não sabia onde encontrar a infanteria. Não tinha outro indicio senão a intensidade do fogo que varia segundo a direção do vento, e d'este modo arriscava-se a cair num emboscado do inimigo.

A nossa gravura representa rigorosamente o aspecto da quantidade de fumo que sai d'uma peça d'artilharia apontada d'um tiro.

Chamamos a atenção dos nossos numerosos leitores militares para este assumpto da maxima importância, e que hoje tanto agita a opinião na imprensa militar francesa, aleman e italiana.

STANLEY. — A nossa gravura é feita sobre a primeira photographia que tirou Stanley apenas chegou ao Cairo, no dia 17 de Janeiro findo — depois do seu grande exploração no interior d'Africa, em busca de Emin-Pacha.

Stanley não é positivamente um amigo das por-



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O GRANDE PORTICO DA INDUSTRIA DOS MEIOS

tuguezes, pois trabalha no interior d'Africa por conta dos ingleses. Mas nem por isso, apesar de nosso inimigo em Africa, podemos deixar de afirmar que Stanley, conjuntamente com Souza Pinto, Capello e Ivens, pertence ao grupo dos grandes descobridores do século XIX.

Da sua viagem poucos ou nada se sabe, pois que as peripécias curiosas as reservas Stanley para fazer um volume que lhe ha de valer bem bons milhões de libras sterlinas. Chegou ao Cairo onde esteve muitos dias com o Khedive, tratando de questões africanas; passou depois por Cannes e Paris, rapidamente, como reporter que é, e que se não demora onde não ha que fazer; e é horas em que escrevem, eis — em Bruxelas planeando novas aventuras no Congo com o seu amigo S. M. o rei Leopoldo.

Das entrevistas que tem tido com alguns jornalistas, só se sabe por enquanto que Stanley considera uma coisa incalculável as riquezas em marfim que ha no interior d'Africa. Tambem fala n'uma curiosa tribo de pygmies que encontrou durante a sua travessia; e n'uma coisa mais horrível do que a escravidão, que são os incêndios e mortes praticados pelos traficantes arábicos, quando se querem apoderar d'uma aldeia indígena, onde sabem que ha marfim guardado.

Esperem os curiosos de questões africanas pelo aparecimento do volume de Stanley, que a curiosidade lhes será largamente satisfeita, pois que o ex-reporter é habilíssimo nas suas descrições de viagem.

ARTE PORTUGUEZA: — A LIÇÃO DO AVO. — Publicamos uma reprodução de mais um bello quadro de Souza Pinto, artista que é hoje fora de dúvida, em Portugal, o primeiro pintor de quadros de gênero.

A sua conhecida tela das *Calças Rótas*, que ha anos publicámos, valeu-lhe uma menção honrosa no *Salon de Paris* de 1883. D'então para cá continuou explorando o mesmo gênero — distinguindo-se também no *retrato* — e hoje pode-se dizer que Souza Pinto atingiu uma notável perfeição nos seus processos de desenho e de pintura.

Sera o bastante?... Eis o que nos merece algumas dúvidas — dúvidas que sempre apresentamos de cada vez que nos ocupamos d'esta artista que, justamente por que está acima de principiantes e mediocridades, precisa ser tratado com toda a sinceridade, sem favores de cumprimentos banais.

Souza Pinto apariçionou-se extremamente. Isto é: em vez de deixar correr naturalmente o seu talento, e de só pensar na Arte, pensou de mais no Sucesso. E quando se pensa no sucesso, é só fatalmente a vítima, o instrumento da Moda.

Bem sabemos que de nossos dias já são raros os temperamentos como Miller e Corot, e que o Artista quer chegar depressa à glória e — o que não é mais — à fortuna. D'aquei uma série de transições com o público, com os amadores e com os compradores. E quando nós esperávamos ver Souza Pinto voltar para Portugal, e estudar a natureza e os tipos d'eu país, com toda a larguura e toda a audacia d'um verdadeiro temperamento peninsular (como fazem os espanhóis) — nós vemos Souza Pinto trazer-nos de Portugal quadinhos admiráveis, mas excessivamente amarelos, só com o fito de lisonjear os olhos do parisiense.

D'aquei a série de quadros, desde as *Calças Rótas* estudado em França, até à *Luz do dia* estudado em Portugal, primorosamente executados, mas que visam apenas à anedota, o que quer que seja como *nouvelles à la main* da pintura, para irem adornar os microscópicos salões de Paris.

Eis porque admiramos sinceramente os seus trabalhos, mas porque também estremeçemos pelo futuro do seu talento, a proporção que o vemos afastar-se d'eu país, onde ha tantos tesouros de pitoresco e de carácter para seduzir não um artista, mas dezenas de artistas.

Como vêem pela reprodução do Ch. Baude, este quadro de Souza Pinto é admirável de factura — mas factura adequada de mais ao gosto de Paris. Quizermos n'um assumpto português mais alguma coisa que nos déss a impressão da nossa Luz e da nossa vida. E se somos assim exigentes, é porque o artista tem elementos para responder às exigências da Crítica.

O SR. CONSELHEIRO MARTINS D'ANTAS. — Publicamos hoje o retrato d'uma das mais ilustres physionomias da diplomacia portuguesa,

d'um dos nossos rares *diplomatas da carreira*, pois que nos últimos tempos a carreira começou a ser ferozmente invalidada pelos homens da política e — o que é mil vezes pior — pelos homens do milhão! De sorte que, quando se depõe com um diplomata português que tem chegado aos postos mais elevados, sem ser luctador político e sem ser milionário, é nosso dever descobrirmos-nos respeitosamente, pois que representa um grande talento e um nobre carácter, para nunca ter sido sacrificado em qualquer contradição ministerial, como ha tantas — e tão comicas! — no nosso país...

O sr. Conselheiro Martins d'Antas é hoje ministro em Paris, para onde o actual gabinete o transferiu em seguida ao desgraçado conflito anglo-português e ao *ultimatum* do dia 11 de janeiro de 1890, que originou a queda do gabinete progressista. D'aquei resultou também a demissão do sr. conde de Vilhena, que o sr. Conselheiro d'Antas veio substituir.

Em França é o nosso ministro imensamente considerado pela primeira sociedade, pois que antes da guerra de 1870 foi aqui primeiro secretário da nossa legação. Depois foi ministro em Bruxelas, e em seguida em Londres, onde se distinguiu d'um modo inimitável em todas as questões da política africana, entre o nosso gabinete e o gabinete de Saint-James.

Nas questões de Lourenço Marques e do Zambeze desempenhou o sr. Conselheiro d'Antas um papel dos mais activos e dos mais importantes. E quando se fizer um dia a história da nossa luta colonial com a Inglaterra — a luta em que temos desgraçadamente ficado vencidos, mas por desleitos nossos, do que pela própria frequência — nesse dia o historiador imperial ha de mostrar ao nosso país a nobre figura do sr. d'Antas, como a de um português ilustre pela inteligência, pelo saber e pelo mais acriollado patriotismo.

O sr. d'Antas é também um escritor muito apreciado pelos seus interessantes estudos históricos, tendo publicado há anos um curiosíssimo volume sobre *Os falsos D. Sebastião*.

AINDA A EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A data do presente numero da ILLUSTRAÇÃO coincide exactamente com o 1.º aniversário da abertura da Exposição de Paris.

Já lá vai um anno que te é lugar o sonho maravilhoso d'este grande dia de festa, do regozijo e de paz universal! Abençoada República, que soubeste oferecer ao mundo um tão bello espetáculo da Intelligenza e do Trabalho — apesar das greves das monarquias europeias que se recusaram a vir a Paris festejar o centenário da Revolução francesa, d'esta Revolução que acabou com todas os tyrannos, constitucionalizando o que é o mesmo que dizer, republicanizando todos os Reis!

Bem sabemos que a República francesa ainda não atingiu o grau de perfeição política e de emancipação social que d'uma República — ne mais pura expressão da palavra — se pode e deve esperar. Isso provém das poderosas tradições que a Monarquia e o Império deixaram em França, das complicações que todos os dias criam aos governantes os partidos conservadores, os pretendentes, e sobretudo o elemento clerical. De modo que a República francesa, para não ver rebentos conflitos de varias classes, se vê ainda muitas vezes na necessidade de transigir com os velhos elementos. Mas tudo isto é uma questão d'annos. E quando a mocidade que hoje se prepara nas escolas ocupar os lugares da actual geração, então a República ha de marchar livre, desembaraçada e serena, no caminho da máxima Liberdade e da absoluta justiça.

Todas estas reflexões nos acomodam ao espírito ao lambrarmo-nos do dia 5 de maio de 1889, e ao publicarmos a gravura que representa o grande portico da industria dos metais, que ficava à esquerda, na galeria d'honor, mesmo proximo da entrada para a galeria das máquinas.

Como vêem, era todo de aço e formado de todos os atributos e ferramentas das industrias do ferro, do aço, do bronze, do chumbo, etc. Era uma maravilha de composição e de originalidade. Hoje já não resta de semelhante obra-prima...

Ha muito que o sonho se desfez!

Querem saber os leitores o que hoje resta da brillante e surpreendente exposição colonial da esplanada dos Invalidos?...

Olhem para a gravura que segue, e onde o nosso artista reproduziu o aspecto de todas as demolições, pois que ainda se está demolindo...

Tudo isso tem caído, e continua caindo sob a picareta cruel dos demolidores... Desmormam-se todos esses lindos pavilhões que, durante seis meses, causaram a admiração de tantos milhões de visitantes. As elegantes architectures, tão contorcidas, tão ricas de tons, transformaram-se em montões de caliga e entulho... E apesar da tristeza que nos invade um tal espetáculo, a nós que seguimos passo a passo todas as fases d'essa grandiosa Exposição — nada é tão pitoresco como um passeio através as ruínas d'esta cláudia encantada, que uma varinha mágica parece ter feito surgir no Campo de Marte e nos Invalidos.

Coragem luteiros! Depois de tristes maravilhas, precisamos também lançar a vista para o quadro do lado das coisas terrenas...

Se transit gloria mundi!



AMAR SEM SER AMADO

I

— *Moço luto das balladas
D'estas noites de luar,
Porque andas pelas estradas
De tal maneira a chorar?*

— *Já ninguem ouve as toadas
Do violão a quebrar,
O silêncio das noitadas
Para as bellas acordar.*

— *Falta de tuas cantigas
Sentem as tuas amigas,
As estrelas lá do céu.*

— *Qual a causa da mudança?
Acaso a flor da esperança
Em teu peito já morreu?*

II

— *Não estranhes a mudança
Pois tu bem sabes que a flor,
A boa flor da esperança
Só vive ao lado do amor.*

— *Do Destino pela lança
Foi ferido o trovador.
A noiva — pobre creaçâ! —
Morreu... morreu... Ai que dor!*

— *Com tanta tristeza, tanta,
Ao violão não mais canta,
Não pôde notas vibrar,*

— *E com os passos incertos
Pelos logares desertos
Como um doido anda a chorar.*

III

— *A tristeza fugir hâde,
Não ouças o coração.
Afoga a negra saudade,
Vae buscar o violão.*

— *Olha como a cáridade
Do luar sobre o balcão
Sorri toda a mocidade
Das formosas de roupa.*

— *Cantar e rir a contento
Ao som do meigo instrumento
Do que chorar é melhor.*

— *Não és assim desgraçado...
Ai! amar sem ser amado
E' pena muito maior!*



OS DOIS AVARENTOS

VELHOS ambos, sem criado nem criada para os servir, os dois avarentos viviam num *faubourg* da villa. As suas casas d'aspecto triste e sombrio, eram d'um estylo pesado e tocavam-se. Pareciam-se uma com a outra, em virtude das janellas quasi sempre fechadas e das portas que só se abriam raras vezes. Na terra todos sabiam que existiam ali dois homens, mas sabiam-no mais por tradição que por experiência própria, visto que os moradores só sahiam pela manhã cedo, para ir ao mercado, à hora em que pouca gente anda na rua. Os velhos do sitio, lembravam-se que, outrora, dois estranhos, pouco depois da guerra civil que havia desolado os campos, pilhado as herdeiras, incendiado os castelos, se tinham vindos estabelecer n'essas duas habitações, tendo apenas como criação uma desgraçada que podia pelas portas e pelas estradas, quasi idiota, que tirava agua do poço, que varria e arranjava os quartos e preparava as comidas que elles comiam juntos. Essa rapariga tinha morrido, nada conhecendo dos seus pais, senão os nomes: um chamava-se Anselmo e o outro João. Os dois não tinham substituído a criada. Durante alguns annos continuaram a comer juntos; viam-nos sahir para ir à casa do vizinho almoçar ou jantar, e de noite uma das janellas das duas casas iluminava-se. Mais tarde os dois vizinhos deixaram de se visitar, e a solidão continua, obstinada, veiu substituir aquella vida commun.

Agora viviam como selvagens, e as negras e tristes fachadas dos dois edifícios, desafiavam a curiosidade dos transeuntes, que por fim se cansou.

Uma noite, Anselmo sentado na cama, inclinava-se sobre un enorme cofre aberto em que brilhavam peças de cobre, prata e ouro, ouro sobreiro. Viam-se moedas de todos os países, de todas as éfugas e de todos os toques. Era um thesouro enorme. Anselmo, louco, embriagado contemplava-o, beijava-o; depois retirando o fato e a camisa precipitou-se no cofre largo e comprimido como uma banheira, e enterrou-se no meio d'ouro, rasgando a pelle, ferindo-se e julgando-se feliz de sentir as peças metálicas entrarem-lhe nas feridas abertas, ate que quebrado pelo excesso da alegria, o avarento caiu em spasmo, e conservando uns olhos fechados essa deslumbrante visão, deixou-se adormecer, completamente nu, sobre esse ouro, no meio d'esse ouro, semelhante ao amante extenuado d'amor.

No silencio da noite, ouviu-se um ruido qualquer: uma janella abriu-se e por ella passou um homem. Era João, o outro avarento. Com passo surdo, as mãos adiante para não tropeçar, dirigiu-se para o cofre d'onde se destacava, no meio d'esse ouro que ofuscava, o corpo nu de Anselmo. Este tinha-se voltado sem accordar, e roncava.

João, tirando da algibeira uma enorme faca, ajoelhou-se em frente do cofre, como uma mãe que vela, ao lado do filho e levantou a arma. Mas hesitou; havia nos seus olhos um pouco de piedade. Entre estes dois homens, existiam sem duvida certos laços que o tempo não tinha feito desatar; recordações dos perigos partilhados, remorso dos mesmos crimes, tudo enfim o que pode restar das cumplicidades passadas.

A luz da candeia estremeceu, e o thesouro,

João não hesitou mais e enterrou a faca no coração, de tal fôrma e com tal violencia que a ponta foi quebrar-se d'entre as moedas, do outro lado do corpo. Anselmo tinh'a morrido sem um suspiro, sem um movimento; apenas um *gluglug* de sangue aos cantos da boca. Depois João pegou no cadáver e deitou-o na cama.

Foi isto lançou-se sobre o cofre enchedo de muito ouro, na camisa, nas algibeiras, começou a encher um saco que tinha trazido; e quando depois de ter pegado fogo ao quanto se preparava para sahir com as chaves roubadas olhou para traz e viu as chamas que subiam pelas paredes, lambiam os cobertores da cama, e a pelle do morto, queimando-lhe a barba e os cabellos. Contento entrou em casa.

Como ninguem o tivesse visto entrar em casa do vizinho, nem sahir curvado sob o peso do saco cheio d'ouro, quem poderia suspeitar d'esse duplo crime: assassinio e fogo posto? Os magistrados concluiram que tinha sido um acidente. Anselmo tinha-se deixado adormecer sem apagar a luz que, provavelmente caiu e incendiou as cortinas do leito; e quando os ossos do velho avarento, foram encontrados, não sem trabalho, no meio d'esse montão de cinzas e de desgraças, os enterraram no pequeno cemiterio à entrada da villa, ao pé da collina, ninguém mais, quiz saber da aventura, e o pobre velho foi esquecido.

Seguro da sua impunidade, João, triumphava e vivia alegre! Ele tinha reunido ao seu thesouro, escondido n'um buraco da parede, o dinheiro de Anselmo; era elle que, todas as noites, agora, louco, embriagado, contemplava, tocava e beijava o prodigioso thesouro deslumbrante e sonoro!

Esse imbecil d'Anselmo dormia agora no cemiterio, debaixo da pedra tumular, frio, descarnado, esqueletico, enquanto que elle, João, cheio de vida, gosava das caricias deliciosas das moedas, ficava como doido deante de todo esse ouro, e deitava-se no meio d'elle dormindo depois, como um amante extenuado d'amor nos braços da sua apaixonada.

Um dia que João se approximou do sitio onde escondera as suas riquezas, um grito terrível se lhe escapou dos labios. Tinh'ham o roubado, o buraco achava-se vazio e escuro. Com os olhos arregalados, os dentes cerrados, e ericando os cabellos com as mãos, não cessava de gritar. — Foi tal o clamor, que através das paredes espessas, das triplices portas e das janellas fechadas, foi ouvido em todo o *faubourg*, e amedrontou fez levantar todos os vizinhos, que sahiram à rua, esfregando os olhos.

Homens, creaçãs, mulheres meio vestidas, todos correram a perguntar: « o que era? o que tinha havido? quem tinham assassinado? »

Arrombaram as portas da casa do avarento e viram-no pallido, os olhos ensanguentados, a baba correndo em ho, berrando diante do seu esconderijo vazio!

« Roubaram-me tudo, dizia elle. E' verdade, mas parece-me impossivel. Um ladrão não podia introduzir-se n'esta casa, mas quem? quando? como? Haverá pessoas que passem através das paredes, que entrem pelos buracos das fechaduras? O meu dinheiro! O meu querido ouro! as minhas bellas moedas de todos os países do mundo? quem as levou? Quem me arrancou o meu unico amor, a minha alegria, o meu sangue, o meu coração, a minha vida? » E o desgraçado gemia como um animal a quem torcem o pescoço. De repente, João callou-se, tornando-se mais pallido, contrahindo as faces. Sem duvida, uma ideia horrivel lhe passava pelo espirito. Depois do espanto da multidão silenciosa, o avarento abriu a bocca e balbuciou: « Se fosse...?... oh! se tivesse sido...?... » Mas não

poude acabar; o corpo pandeu e caiu morto sobre o sólo, com a cabeça no robordo do buraco vazio, onde estivera o thesouro!

Ha um anno, muito tempo depois da aventura que lhes contei, — foram exhumados os mortos do cemiterio, por causa d'um caminho de ferro que deveria atravessar a planicie ao pé da collina. Alguns coveiros carregavam sobre barras de ferro afim de levantar uma pesada pedra tumular — sob a qual repousava Anselmo. A pedra a custo, foi levantada e os homens deixando cair das mãos as barras, levantaram os braços para o Céu, estupefactos pelo que acabavam de ver.

Aos pés d'elles, na cova aberta, brilhava uma quantidade prodigiosa de moedas de cobre, prata e ouro, e no meio d'esse explendor, as duas mãos d'um esqueleto apertavam ainda piastras e florins entre as phalanges esbranquiçadas.

CATULLE MENDES.

O LIVRE CHIRE PORTUGUEZ

IMITADO DE BECKER

*Eu te saúdo, ó rio largo e fundo,
Que reflectes o azul do céu profundo;
Do teu seio na argentea limpidez;
Via por nós para o progresso aberta,
Eu te saúdo, a fronte descoberta,
O' Chire portuguez!*

*Contra os rapaces corvos sanguinosos
Que te espreitam da sombra cubicoros
Em nossos braços tens seguro arnezi,
Deixa-os arder na fúria que os consome
Que, enquanto um labio pronunciar teu nome,
Tu serás portuguez!*

*O leopardo — é assim todo o felino —
E' cobarde, ladrão e assassino,
Mas não ha-de assaltar-nos d'esta vez;
E enquanto um remo te acolitar as vagas,
Correndo livre entre libertas plagas,
Tu serás portuguez!*

*Quer abraçado ás tuas cataractas,
Quer na espessura umbrosa das tuas mattas,
Ou das verdes campinas atraíz,
Rola tranquillo as fulgidas areias,
Que, enquanto o sangue nos girar nas veias,
Tu serás portuguez!*

*Do teu caudal as naiades formosas
Que desertam as ribas receosas
Do agudo grifo do abutre inglez,
Não mais nas grutas do teu seio escondas,
Que, enquanto um lenho te sulcar as ondas.
Tu serás portuguez!*

*De Portugal não passam nas barreiras,
Por gravatas, as ferreas gargalheiras,
Nem os grilhões para algemar teus pés, (1)
Dorme tranquillo em teu sagrado leito
Que, enquanto a fê nos accender o peito,
Tu serás portuguez!*

*Tu serás portuguez e livre, e usano,
Que jámai contra o peito lutaízano
Deixou Deus o infiel vibrar reverz,
E, enquanto ao mar fôres levar umz enda,
Desde o Zambeze ás terras de Méponha
Tu serás portuguez!*

Mupassa, 6-10-89.

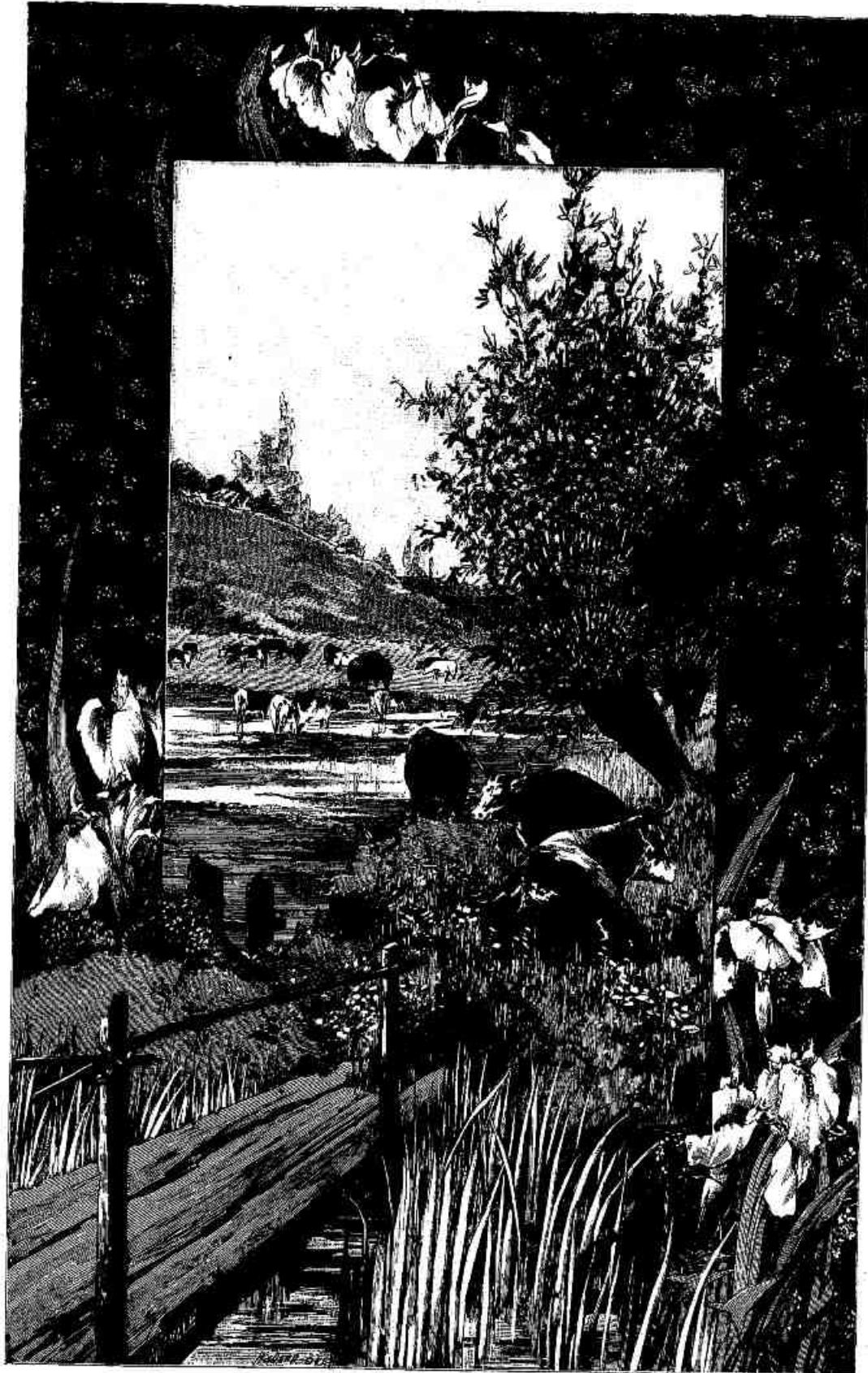
ALVARO DE CASTELLÓES.

(1) Allude-se ao que o explorador Serpa Pinto contou na conferencia de S. Carlos.



Destruição do pavilhão holandês, do pavilhão de Toulouse, de Alimentação, da rue du Commerce, do pavilhão do ministério da guerra, etc.

AS DEMOLIÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.



OS MEZES ILLUSTRADOS, MAIO. — COMPOSIÇÃO DE HABERT-DYS



UMA TRAGÉDIA

NAQUELLA noite voltei cedo para casa.

O vento frigidíssimo que soprava ~~deleit~~ mudo violento havia-me causado uma dolorosa enxaqueca, como há muito não sentira.

Subi rapidamente as escadas, entrei na minha alcova situada nas águas-furtadas da habitação, e abrindo a janela sentei-me numa cadeira, apoiando a cabeça entre as mãos.

Passados alguns momentos, o descanso fez-me declinar a dor de cabeça, e então, como a ventania tivesse abrandado, debrucei-me no peitoril da janela a gozar o espetáculo da noite.

O disco cintreado da luna, viinha montando o horizonte do oeste, subindo mansamente apouco e pouco para o zenith, onde fulguravam resplandecentes as brilhantes constelações da nossa zona circumpolar; eu, como sou um amador entusiasmado das magnificências celestes, dispunha a observar aquelas estrelas que em breve iam desaparecer na irradiação do astro das noites.

Havia quase uma hora que eu me achava absorto nas minhas observações, contemplando as estrelas componentes da magnífica constelação da Grande Urso, quando subitamente me feriu os ouvidos um berrido violento de uma consonância particular, que se repetiu com estridores nas paredes do meu aposento.

Olhei para o ponto donde me parecia haver partido o berrido, e esantado fiquei, quando ao tibio clarão da lua vi duas massas escuras e alongadas, agitando-se desordenadamente no vento do telhado do meu vizinho Athanasio.

— Que diabo será aquilo? pensei eu.

E para satisfazer a minha curiosidade, porque, diga-se a verdade, eu sou talvez o mais curioso dos descendentes do velho Adão, corri à gaveta da minha comodidade para dela tirar um ferrujento binóculo, prezioso legado de meu avô materno; mas a amaldiçoada gaveta estava hermeticamente fechada e para abri-la clara é que seria necessária a respectiva chave, mas esta é que nem a tranças se deixava obrigar.

Busqui, procurei, explorei todos os cantos do quarto até aos mais recônditos escaninhos, mas o demônio da chave não aparecia, e no entanto a minha curiosidade era estimulada cada vez mais, porque novos berros idênticos nos que ouvira primeiro ressoaram no espaço.

Desesperado, pedi a cabeça!

Peguei n'um volumoso martelo que por acaso ali se achava, e em grave risco depremido sobre-salto os membros da minha família que a essa hora dormiam profundamente nos andares inferiores, comecei de partir em mil bocados a enfebrada gaveta; por fim, depois de um violento, trabalho de cinco minutos, consegui largar mão do desejado binóculo.

Mas, oh fatalidade!

Faltavam-me as objectivas!

Conjuravam-se contra mim todas as eventualidades que jamais imaginara; mas não havia tempo de perder.

Lancei mão de um velho longa-vista que a Providência me desparou, e correndo novamente à janela assisti-o para o local onde viram os vultos.

No campo do meu instrumento pude então contemplar, cheio de surpresa, os dois gatos do meu vizinho, formosos exemplares de raça se-

lina, envolvidos n'uma luta encarniçada, medonha e sangrenta...

Percebi logo as razões que motivavam tal encanço, pois, relanceando casualmente os olhos para a extremidade do telhado, vi a minha gata *Taracu*, um elegante animal, que olhava espanhada e translada de susto para a luta em que os seus admiradores andavam envolvidos. Era pois um duelo o que estava vendo, n'ão havia dúvida possível a tal respeito.

Os contendores, na verdade, eram dois magníficos gatos do gênero que os naturalistas denominam *Angora*, dotados de hercúlea força, que por mais de uma vez tinham arranhado as mãos do sr. Athanasio, quando, ao jantar, aquele os fazia subir para cima do mezo e os obrigava a compartilharem com ele no mesmo prato as iguarias que vinham para a meza... Por isso andavam gordos, nedios, lustrosos e limpos, porque todas as massas eram metidos em uma celha cheia de água à invariável temperatura de 30° — lavados a sabonete d'olho/fora pelo rabo/jeia criada do meu vizinho, trabalho que sempre rendia, a clá — alguns arranhões — e a elas — algumas fustigadões com o juncos.

Pelo que fico exposto podem os leitores ver e admirar quanto o sr. Athanasio era de amável para com os seus bichanos.

Mas tornemos à nossa narração.

Afiraram-se um ao outro com tal violência, que o choque fez os rolar pelo telhado com risco de virem apalpar as pedras de calcada, mas o fuso de que se achavam possuídos em alto grau condiziu-os novamente ao combate, e então é que elas foram!

Numa berraria de mil diabos, capaz de aendar o velho Athanasio que descançadamente se achava entregue às delícias de *Morphia*, engalinharam-se um no outro, agatanhando-se, — permitiu-se-me o termo — dando-se mutuamente temerárias repellões e patadas formidáveis, sem conta, peso e medida, e que sempre occasionalmente apunhalavam uns dos combatentes, que levavam-se imediatamente tomava ou assaíam-se se fôr impediido por alguma mola de rigido aço.

Havia já alguns minutos que principiava o duelo, mas parecia que este estava longe, muito longe, do seu *termínus*, porque os dois gatos batalhavam com tal fúria, que já começava de contor sangue.

Um dos gatos, o que parecia mais valente, dando uma formidável patada no seu antagonista, trouxe entre as garras um pedaço de epiderme lombar, e aquelle, soltando um berro de dor, e por seu turno estendendo raiosamente a patá, arrancou ao seu adversário toda a orelha direita, que apresentou envolta n'uma pasta de sanguel... Repugnou-me aquillo.

— Miserável! exclamei.

E fui dentro buscar um objecto qualquer para arremegar aquello carnívoro, mas como não achasse imediatamente objecto que me servisse, peguei no meu tinteiro de vidro e arremeci-lho.

Mas como a noite não estava muito clara e eu souvise, entre a pontaria, o tinteiro projectado com a grande violência, tendo passado trinta decímetros acima da cabeça do gato a que visava, parti um pedaço da janela das águas-furtadas do meu vizinho e penetrei no aposento, fazendo um barulho dos diabos.

— *Caramba!* por esta não esperava eu.

E tratei rapidamente de abandonar o meu posto de observação, com receio de ver assomar à janela das águas-furtadas o meu vizinho, que talvez acondisse com o estrondo; mas não o fiz de um modo tão rápido que não visse distintamente o gato desorientado fugir do seu rival e dar um salto formidável, despenhando-se involuntariamente no abysmo... por cima do meu gallinheiro, situando quinze metros abaixo do telhado.

— Oh que horror! exclamei, cair de uma altura de quinze metros... cento e cinqüenta

decimetros... mil e quinhentos centímetros... desgraçado, quando a chegar abaixo fica n'um mil. Vou socorrer-o!

E levado dos meus sentimentos humanitários, recordando aquela scena do *Trovador* « corro a salvar-te », lancei-me para fôrta do quarto, e precipitei-me nas escadas, cujos escaleões a quatro e quatro atravessasse como um foguete; aberto a porta, entrei no recinto do gallinheiro que não tinha cobertura alguma.

Palpitava-me o coração de um modo violento. Chegarei tarde.

O gato ao despchar-se caiu como uma avalanche no poeiro das gallinhas, parando-o e pendendo-o as cílias em uma revolução infernal, e ressentido fôrca cair a quarto passos de distancia exanim, gemente, moribundo.

— *Approssimai-me commovidissimo.*

Ali estava ele, o gato do sr. Athanasio, talvez o favorito, outrora tão alegre, tão cheio de vida, e agora moribundo, soltando fracos gemidos, com as pernas quebradas, acolhendo a vertebra partida e o crânio fracturado!

— Não dura cinco minutos, murmelei.

E efectivamente, passado aquele prazo de tempo, o infeliz animal ergueu-se nas patas dianteiras, relançou um olhar pelo gallinheiro como se procurasse ver pela última vez algum ente querido, e n'um arranço violento soltou o ultimo suspiro envolto n'uma goliada de sangue.

Impressionou-me vivamente aquella scena, e por algum tempo fiquei extasiado e pensativo diante desse frio corpo, que vira a vida abandonado de uma maneira tão tragica e tão horrível! Mas como as grandes dores não duram eternamente, dominei as minhas impressões e peguei no cadáver que arrastei para a rua, onde o lancei, para que, ao outro dia, a mina caridosa do varrecoiro municipal lhe desse conveniente sepultura.

E agora que já são passados alguns dias que presenciei aquella tragica scena, digo que estas recordações vão corrompendo para a voracidade esquecimento com a velocidade asombrosa do tempo, recorda-me... tenho umas vagas rememorações, que ao arrepiar para fôrta do gallinheiro aquelle cadáver, olhando para o telhado onde se travara a luta, vi a beira d'elle, curvada, olhando para baixo, muito espanhada, a minha gata *Taracu*, por causa de quem se travara aquelle combate.

Quero ver pela ultima vez aquello, que por cila soffre uma morte das mais terríveis?

Eis aqui um problema, que para a minha eterna curiosidade será sempre insolúvel!

A. Campos.

A LORD SALISBURY

(Capítulo de piadas)

Lord Breda: Na cruz do seu cavalo inglese, Estrelou para a Pátria, ao risco dos judeus. E um terrível olhar no seu rosto marmóreo. Fulminava da cruz a baixeza dos teus! Tu julgaste insultar um moribundo exangue. Cujas túnica d'ouro tas herdar talvez... Igreja! Mas a Pátria torcendo os seus membros em sangue Despreza-se da cruz para cuspir-te — Ingle!

Pátria! Se a infânia vil dos piratas ingleses, Razo immunda de cães, te quis manchar de lodo, Minha pátria, o chicote é quanto basta as vezes. Para afundar no sombrio a matilha, de todo! Que o despoço lhe cuspa a frente sobranceira! E hás-te vel-a perdendo os direitos dos vãos, A Inglaterra sublime, a Inglaterra altaneira. Arastar-se a gato para lambêr-te as mãos!

João Sáaiva,

